

**FIEA** Federação das  
Indústrias do Estado  
de Alagoas

**IEL** Instituto  
Euvaldo  
Lodi

# PANORAMA ECONÔMICO

Dados referentes ao mês de  
**Março de 2026**

# Economia brasileira *dá sinais de fragilidade*

Os dados mais recentes mostram uma economia brasileira que ainda cresce<sup>1</sup>, mas com menos força. O melhor retrato disso é o IBC-Br, indicador que acompanha o nível geral de atividade. Depois de avançar em janeiro e fevereiro, ele caiu 0,67% em março. A queda apareceu em vários setores ao mesmo tempo: serviços, indústria e agropecuária. Na comparação com março de 2025, ainda houve alta de 3,07%, mas esse número positivo não muda o ponto central: no curto prazo, a economia perdeu ritmo. O acumulado em 12 meses também desacelerou para 1,81%, e o resultado deixou uma “herança” negativa para o segundo trimestre.

A indústria confirma esse sinal de alerta. Em março, a produção industrial cresceu apenas 0,1%, praticamente uma estabilidade. A indústria de transformação, que reúne boa parte da produção manufatureira, recuou 0,1%. É verdade que, na comparação com março do ano anterior, os números foram melhores: alta de 4,3% na indústria geral e de 4,2% na transformação. Mas o desempenho acumulado continua fraco. Em 12 meses, a indústria total cresceu só 0,4%, enquanto a transformação ainda caiu 0,8%. Além disso, bens de capital e bens de consumo melhoraram no mês, mas seguem negativos no acumulado anual; os insumos da construção civil também continuam em queda. A recuperação industrial, portanto, existe, mas é limitada e concentrada.

O comércio ainda ajuda a sustentar a economia, mas também perdeu fôlego. O varejo restrito cresceu 0,5% em março, abaixo do resultado de fevereiro. O varejo ampliado, que inclui veículos, materiais de construção e atacado de alimentos, avançou apenas 0,3%, depois de uma alta maior no mês anterior. Na comparação anual, o quadro parece melhor: crescimento de 4,0% no varejo restrito e de 6,5% no ampliado. Porém, quando se olha por dentro dos dados, aparecem diferenças importantes. Supermercados, móveis e eletrodomésticos e veículos tiveram queda na margem. Isso mostra que o consumo continua contribuindo, mas de maneira irregular, sem espalhar dinamismo por todos os segmentos.

No campo, a projeção para 2026 é positiva, mas sem grande impulso. A produção de grãos deve chegar a 348,7 milhões de toneladas, alta de 0,8% em relação à

[1] [Banco Central do Brasil](#), [IBGE](#) e [FGV/IBRE](#).

safra anterior. O principal resultado vem da soja, com crescimento estimado de 4,8%. Ao mesmo tempo, culturas importantes, como milho, arroz, trigo, feijão e algodão, devem recuar. Isso significa que a agropecuária segue relevante para a renda, as exportações e várias regiões do país, mas seu desempenho é desigual. Sozinha, ela não é capaz de compensar as dificuldades vistas na indústria e em parte do comércio.

A sondagem de serviços reforça o tom de cautela. Em abril, a confiança do setor caiu para 87,8 pontos. Tanto a avaliação da situação atual quanto as expectativas para os próximos meses pioraram. Na comparação com abril de 2025, a queda também é clara: o índice geral passou de 91,0 para 88,3 pontos, enquanto o componente de expectativas recuou de 88,6 para 85,2 pontos. Como os serviços têm grande peso na economia e no emprego, essa perda de confiança indica que os empresários estão menos seguros sobre a continuidade da demanda. Mesmo com aumento do uso da capacidade instalada, o ambiente parece mais incerto.

O mercado de trabalho é o ponto mais favorável do atual contexto, mas também merece leitura cuidadosa. A taxa de desemprego ficou em 6,1% no trimestre encerrado em março, abaixo dos 7,0% registrados um ano antes. A população ocupada cresceu, o rendimento médio real chegou a R\$ 3.722, e a massa de rendimento real aumentou 7,1%. Esses números ajudam a explicar

por que o consumo ainda resiste. Mas há sinais de acomodação: com ajuste sazonal, o desemprego subiu levemente de fevereiro para março, de 5,5% para 5,6%; a subutilização ficou estável em 13,7%; e a taxa de participação caiu na comparação anual, de 62,2% para 62,0%. O mercado de trabalho segue positivo, mas já não mostra a mesma intensidade de melhora.

O conflito envolvendo Israel, Estados Unidos e Irã ajuda a entender por que a economia brasileira cresce com mais dificuldade. Esse tipo de tensão aumenta a incerteza global, pressiona o preço do petróleo, encarece transportes e insumos e pode manter a inflação mais resistente. Com isso, os juros tendem a cair mais lentamente, o crédito fica menos favorável e empresas e famílias passam a agir com mais cautela. No caso brasileiro, esse ambiente externo não explica sozinho a perda de força do IBC-Br, a fraqueza da indústria, a retração de insumos da construção e a queda da confiança em serviços, mas agrava essas fragilidades. Em outras palavras, a economia ainda avança, porém em um cenário internacional mais instável, que torna o crescimento mais caro, desigual e menos seguro.

Em síntese, na atual conjuntura, a economia brasileira cresce, mas com sinais visíveis de fragilidade. Os dados setoriais e do mercado de tra-

balho apontam para uma economia que ainda avança, porém de forma moderada, irregular e dependente de alguns setores específicos. Em outras palavras, o crescimento continua, mas sua base parece menos firme.

## Mercado projeta ciclo curto de queda da Selic em 2026

A Ata do Copom<sup>2</sup> e o IPCA de abril de 2026<sup>3</sup> reforçam a interpretação de que o ciclo de redução da Selic tende a ser menor do que o mercado projetava no início do ano. Embora o Comitê tenha reduzido a taxa básica em 0,25 p.p., para 14,50% a.a., a decisão foi apresentada como parte de uma “calibração” da política monetária, sem compromisso com cortes automáticos nas reuniões seguintes. Ao afirmar que a magnitude e a duração do ciclo dependerão da incorporação de novas informações, o Banco Central desloca sua comunicação de uma trajetória previsível de afrouxamento para uma estratégia mais condicional.

Essa cautela é explicada pela deterioração do cenário inflacionário. A Ata registra aceleração da inflação cheia e das medidas subjacentes, expectativas acima da meta para 2026 e 2027 e desancoragem adicional em horizontes mais longos, especialmente 2028. O IPCA corrobora esse diagnóstico: em abril, o IPCA avançou 0,67% no mês, acumulou 2,6% no ano e 4,39% em 12 meses, aproximando-se do limite superior do intervalo de tolerância da meta. Além disso, o índice mensal ficou acima dos resultados de abril de 2024 e 2025, ainda que abaixo do observado em abril de 2022 e 2023.

Os núcleos de inflação reforçam a prudência do BCB. A média dos cinco principais núcleos subiu de 0,43% em março para 0,50% em abril, mantendo alta de 4,37% em 12 meses; em termos dessazonalizados e anualizados, passou de 4,87% para 5,30% na média móvel de três meses e de 5,13% para 5,46% na variação mensal. Entre os núcleos, o IPCA-P55 avançou de 0,46% para 0,59% no mês, enquanto o IPCA-EX3 passou de 0,39% para 0,63%. Esses dados indicam que a pressão inflacionária não se restringe a itens voláteis, o que reduz o espaço para um ciclo mais amplo de queda da Selic.

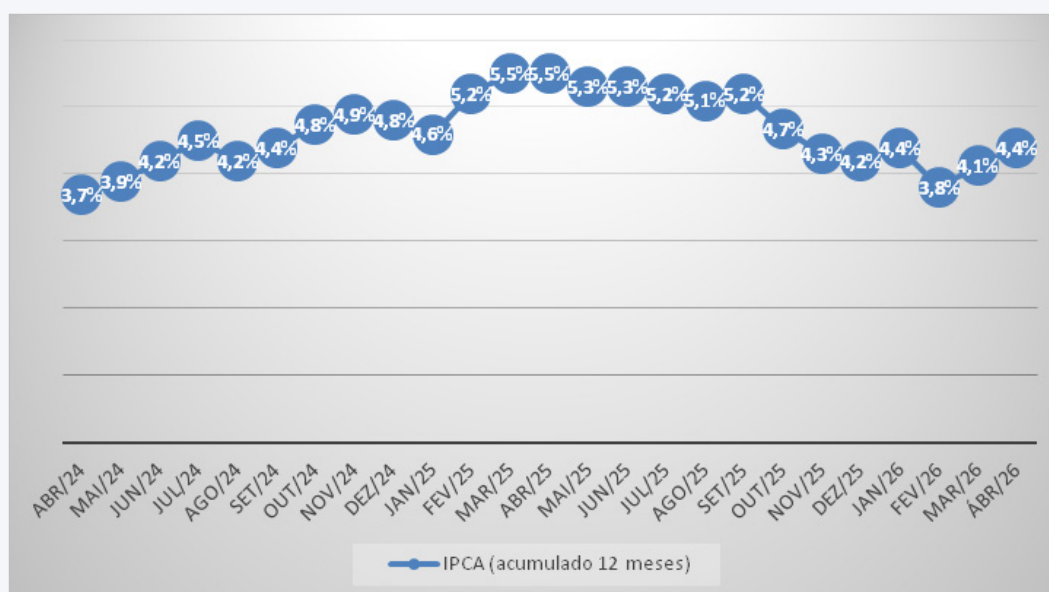
[2] Atas do Comitê de Política Monetária - Copom

[3] IPCA/IBGE - Portal de Finanças - Índice nacional de preços ao consumidor

A composição do IPCA também ajuda a explicar a postura cautelosa. Os preços monitorados subiram 1,00% no mês e 6,12% em 12 meses, com impactos de gasolina, gás de botijão e energia elétrica residencial. Os preços livres avançaram 0,55% no mês e 3,77% em 12 meses, enquanto os serviços subjacentes subiram 0,52% em abril e acumularam 5,25% em 12 meses. A inflação de serviços sensíveis à ociosidade permaneceu elevada, com alta de 6,13% em 12 meses, em linha com a avaliação da Ata de que o mercado de trabalho segue resiliente e pode dificultar a convergência da inflação à meta.

A trajetória das expectativas de mercado para a Selic no final de 2026 mostra que essa leitura foi incorporada aos preços. Em 02/01/2026, a mediana era de 12,25% a.a.; em 23/02, chegou a 12,00% a.a.; depois subiu para 12,50% em 20/03, 13,00% a partir de 17/04 e 13,25% em 15/05. Com a Selic em 14,50% a.a., a expectativa de 13,25% para dezembro implica apenas 1,25 p.p. adicionais de cortes no restante do ano. Assim, a Ata, os dados de inflação corrente e a revisão das expectativas de mercado apontam na mesma direção: o ciclo de baixa da Selic não está formalmente encerrado, mas tende a ser mais limitado do que se esperava no início de 2026.

**Gráfico nº 2 -- IPCA (acumulado 12 meses) - abril/24 a abril/26**



Fonte: IBGE

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial,  
Inovação e Pesquisa - IEL/AL

# A produção industrial brasileira

## Em Março de 2026

Em março de 2026, a indústria brasileira apresentou quase estagnação na margem, com alta de apenas 0,1% frente a fevereiro, revelando perda de dinamismo após dois meses de crescimento e uma expansão pouco disseminada, já que 64% dos ramos industriais reduziram a produção. O aspecto positivo é que, no acumulado do primeiro trimestre, a indústria voltou a crescer 1,3% ante igual período de 2025, revertendo a queda do final de 2025, com avanço em três dos quatro macrossetores: bens intermediários, bens de consumo duráveis e bens de consumo semi e não duráveis. Também se destacaram positivamente os resultados de automóveis, outros equipamentos de transporte e alguns segmentos de intermediários, como alimentos. Contudo, o quadro geral permanece frágil, sobretudo pela retração persistente de bens de capital, que caiu 6,3% no trimestre, acumulando quatro trimestres negativos e sinalizando enfraquecimento do investimento produtivo sob impacto dos juros elevados. Além disso, a recuperação foi heterogênea: insumos da construção, defensivos agrícolas, celulose, eletrodomésticos, móveis, calçados, vestuário e têxteis registraram quedas relevantes, indicando restrições tanto pelo lado do investimento quanto pelo consumo das famílias endividadas. Assim, o início de 2026 trouxe algum alívio estatístico e setorial, mas não configurou uma recuperação industrial robusta, pois a combinação de juros altos, baixo investimento e desempenho desigual entre segmentos continuou limitando a difusão do crescimento e a modernização produtiva.<sup>4</sup>

**Tabela nº 1 - Variação da Produção Industrial - Março 2026 (%)**

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,1	4,3	1,3	0,4
Bens de capital	0,6	6,5	-6,3	-4,1
Bens intermediários	0,5	2,9	1,7	1,6
Bens de consumo	0,5	6,7	1,7	-1,3
Bens de consumo duráveis	1,7	18,7	1,6	0,3
Semiduráveis e não duráveis	0,4	4,6	1,8	-1,6
Extrativa Mineral	0,1	4,7	8,7	7,2
Transformação	-0,1	4,2	0,0	-0,8

Fonte: IBGE

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial,  
Inovação e Pesquisa - IEL/AL

[4] IEDI - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial

**Tabela nº 2 - Índices de preços**

Índice de Preço (%)	2025									2026			
	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
IGP-DI	0,30	-0,85	-1,80	-0,07	0,20	0,36	-0,03	0,01	0,10	0,20	-0,84	1,14	2,41
INCC-DI	0,52	0,58	0,69	0,91	0,52	0,17	0,30	0,27	0,21	0,72	0,28	0,54	1,00
IGP-M	0,24	-0,49	-1,67	-0,77	0,36	0,42	-0,36	0,27	-0,01	0,41	-0,73	0,52	2,73
IPC-M	0,46	0,37	0,22	0,27	-0,07	0,25	0,16	0,25	0,24	0,51	0,30	0,30	3,49
IPA-M	0,13	-0,82	-2,53	-1,29	0,43	0,49	-0,59	0,27	-0,12	0,34	-1,18	0,61	0,94
INCC-M	0,59	0,26	0,96	0,91	0,70	0,21	0,21	0,28	0,21	0,63	0,34	0,36	1,04
IPC-FIPE	0,45	0,27	-0,08	0,28	0,04	0,65	0,27	0,20	0,32	0,21	0,25	0,59	0,40
INPC	0,48	0,35	0,23	0,21	-0,21	0,52	0,03	0,03	0,21	0,39	0,56	0,91	0,81
IPCA	0,43	0,26	0,24	0,26	-0,11	0,48	0,09	0,18	0,33	0,33	0,70	0,88	0,67

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Fontes: Ipeadata e Bacen

**Tabela nº 3 - Indicadores de Confiança I**

	Indicadores de Confiança I		
	Indicadores do Cenário Externo		
	Taxa de Juros Títulos do Tesouro Americano 10 anos	Preço do Petróleo (Brent) em US\$	Ouro - Nova York (Fixing) em US\$
abr/25	4,53	64,41	3.287,00
mai/25	4,28	65,62	3.355,00
jun/25	4,37	68,61	3.400,00
jul/25	4,24	65,60	3.392,00
ago/25	4,07	66,86	3.711,00
set/25	3,99	61,81	4.351,00
out/25	4,08	63,64	4.052,00
nov/25	4,13	59,43	4.417,00
dez/25	4,22	65,60	4.786,00
jan/26	4,04	72,46	5.063,00
fev/26	4,18	101,73	4.992,00
mar/26	4,31	102,57	4.581,00
abr/26	4,61	108,99	4.542,00

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB)/FED

**Tabela nº 4 - Indicadores de Confiança II**

Meses	Indicadores de Confiança III						
	Taxa de Câmbio	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos	Taxa de Juros	IPCA nos	Taxa de	Taxa Real
	Fim de Período		proximos 12 meses	Real Ex-Ant	últimos doze	Juros Selic	Esperada
RS/US\$ - Vendas	Mediana	Real Ex-Ant	Meses	(% a.a)	Selic (a.a)		
abr/25	5,66	14,48	4,90	9,13	5,53	14,15	8,17
mai/25	5,71	14,64	4,88	9,31	5,32	14,65	8,86
jun/25	5,46	14,69	5,10	9,12	5,35	14,90	9,07
jul/25	5,60	14,76	4,31	10,02	5,23	14,90	9,19
ago/25	5,43	14,36	4,18	9,77	5,13	14,90	9,29
set/25	5,32	14,34	4,44	9,48	5,17	14,90	9,25
out/25	5,38	14,09	4,09	9,61	4,68	14,90	9,76
nov/25	5,33	13,75	4,00	9,38	4,46	14,90	9,99
dez/25	5,50	14,90	4,00	10,48	4,26	14,90	10,21
jan/26	5,23	13,75	3,90	9,48	4,44	14,90	10,02
fev/26	5,15	13,25	4,00	8,89	3,81	14,90	10,68
mar/26	5,22	13,70	4,09	9,23	4,14	14,65	10,09
abr/26	4,99	14,40	3,96	10,04	4,39	14,40	9,59

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

**ELABORAÇÃO**  
DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL, INOVAÇÃO E PESQUISA - FIEA/IEL

**GERENTE**  
ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

**ESTAGIÁRIOS**  
JULIAN PEDRO MOISÉS DA SILVA  
KARINE FERREIRA DOS SANTOS  
MARIA LUIZA LEAL DA SILVA  
MURILO BARROS MOREIRA BAHIA

**ANALISTA**  
MORGANA MARIA MACHADO MOURA  
**CONSULTORA**  
DÉBORA JUSTINO DOS SANTOS  
**AUTOR**  
REYNALDO RUBEM FERREIRA JÚNIOR  
**DIAGRAMAÇÃO**  
EMILLY KAROLLINY CARDOZO DA FONSECA

**INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL**

**DIRETOR REGIONAL**  
JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

**SUPERINTENDENTE**  
HELVIO BRAGA VILAS BOAS

**GERENTE DE DESENV. EMPRESARIAL, INOVAÇÃO E PESQUISA**  
ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS - FIEA**

**PRESIDENTE**  
JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

**1º VICE PRESIDENTE**  
JOSÉ DA SILVA NOGUEIRA FILHO

**DIRETOR EXECUTIVO**  
WALTER LUIZ JUCA SÁ

**GERENTE UNITEC**  
HELVIO BRAGA VILAS BOAS